



Novas Comunidades: fundamentos do Evangelho e da Bioética como atração vocacional de jovens

New communities: Gospel and Bioethics foundations as vocational appeal for young people

Karen Freme Duarte Sturzenegger*
Mauro Seigi Hashimoto**

Resumo

O artigo em questão trata do surgimento das Novas Comunidades no seio da Igreja Católica Apostólica Romana, pós Concílio Vaticano II, bem como sua contribuição na reaproximação dos jovens para a busca de uma vocação específica, no seio eclesial, mais conhecida por “leigos consagrados”. Além disso, o artigo efetua uma relação entre os princípios do evangelho vivenciados por esses jovens e os fundamentos da bioética para a construção de sua formação ética e de valores morais, bem como o exercício de seu papel como cidadãos na sociedade em que se encontram.

Palavras-chave: Juventude. Igreja Católica. Novas Comunidades. Bioética.

Abstract

The article in question deals with the emergence of the New Communities within the Apostolic Catholic Church Rome, after the Second Vatican Council, as well as its contribution to the rapprochement of young people in the search for a specific vocation within the Church, which is better known as of consecrated laity. In addition, the article makes a connection between the principles of the gospel experienced by these young people and the elements of bioethics for the construction of their ethical formation and moral values, as well as in the exercise of their role as citizens in the society in which they are found.

Keywords: Youth. Catholic Church. New Communities. Bioethics.

* Doutoranda pelo Programa de pós-graduação Mestrado e Doutorado em Teologia PPGT-PUCPR. Bolsista CAPES. Mestre em Educação pelo programa de pós-graduação em Educação PPGE-PUCPR. Formação Pedagógica (equivalente à Licenciatura) em Filosofia pela Faculdades Claretiano. Graduanda em Ciências da Religião/UNINTER. Professora de Graduação e de Cursos de especialização pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Contato: karen.sturzenegger@gmail.com.

** Mestre em Bioética pelo Programa de pós-graduação em Bioética PPGB-PUCPR. É membro do grupo de pesquisa em Bioética e Biotecnologia do PPGB da PUCPR. Graduado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Cursando Licenciatura em Filosofia pela Faculdades Claretiano. Especialista em Biotecnologia e Bioprocessos pela Universidade Estadual de Maringá. Contato: mauro.seigi@gmail.com.

Introdução

O presente texto pretende apresentar o testemunho profético como forma de enfrentamento dos desafios hodiernos. Assim, apresenta-se uma reflexão acerca dos desafios em tempos que exigem posturas corajosas, misericordiosas e lúcidas, a fim de que o ser humano seja capaz de contribuir para a formação de um apurado senso crítico.

Diante das novas perspectivas da sociedade contemporânea, a Igreja Católica Apostólica Romana tem buscado compreender quais são os atuais percursos da sociedade e perceber suas necessidades a nível espiritual e comunitário.

Com isso, após o Concílio Vaticano II, surgiram e ainda surgem documentos, exortações apostólicas e encíclicas que tratam dos mais diversos temas que interessam aos fiéis leigos e ao clero em geral. Entre esses documentos, foi escrito a Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christifideles Laici* (CL)¹, do Papa João Paulo II, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo.

Nessa exortação, o Papa João Paulo II destaca que:

Nos nossos dias, a Igreja do Concílio Vaticano II, numa renovada efusão do Espírito de Pentecostes, amadureceu uma consciência mais viva da sua natureza missionária e ouviu de novo a voz do seu Senhor que a envia ao mundo como « sacramento universal de salvação » Ide vós também. A chamada não diz respeito apenas aos Pastores, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, mas estende-se aos fiéis leigos: também os fiéis leigos são pessoalmente chamados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo (CL, 1988, p.1).

O documento ainda relata que

Lembra-o S. Gregório Magno que, ao pregar ao povo, comentava assim a parábola dos trabalhadores da vinha: « Considerai o vosso modo de viver, caríssimos irmãos, e vede se já sois trabalhadores do Senhor. Cada qual avalie o que faz e veja se trabalha na vinha do Senhor » (CL, 1988, p.1).

Dessa maneira, João Paulo II destaca a abertura da igreja para o protagonismo dos leigos na atuação evangelizadora e, com isso, surgem novas expressões de comunidades cristãs, com carismas e formas de vida particulares, onde são inseridos leigos, homens e mulheres, casados, solteiros ou celibatários, clérigos, todos vivendo em comunidade. Essas comunidades cristãs podem ser chamadas de Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.

¹ Christifideles Laici é uma exortação apostólica pós-sinodal do Papa João Paulo II, assinada em Roma em 30 de dezembro de 1988. É um resumo dos ensinamentos do Sínodo dos Bispos de 1987 sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e o mundo.

Além da originalidade de trazer para dentro das comunidades, o formato de pessoas casadas e solteiras, leigos e clérigos convivendo juntos, ressaltando que a consagração dos leigos se trata de uma consagração específica, é algo relativamente recente, mesmo que surgissem alguns tipos de consagração como, por exemplo, as ordens terceiras e os oblatos beneditinos.

A consciência plena da consagração de vida, efetuando votos ou promessas que incluam pobreza, castidade e obediência, de forma particular, para os casais, tem sido um grato regalo à Igreja Católica.

A fé cristã considera a vida humana sagrada e inviolável, por isso a dignidade da pessoa humana não pode ser ferida em nenhuma circunstância. E é nesse sentido que a Igreja Católica, em documentos oficiais, se posicionou com relação às questões bioéticas como a Carta Encíclica do Papa João Paulo II, *Evangelium Vitae*, que fala sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. Pois, para a Igreja Católica, o ser humano é chamado a uma vida plena que vai além das dimensões da sua existência na terra, porque consiste na participação da própria vida de Deus. Mesmo diante de dificuldades e incertezas, todo indivíduo sinceramente aberto à verdade e ao bem pode, pela ótica da razão e com o secreto influxo da graça, alcançar o reconhecimento da lei natural inscrita no coração, que é o sagrado valor da vida humana desde o seu princípio até o seu fim, afirmando o direito que todo o ser humano tem de ver plenamente respeitado esse seu bem primário.

Novas Comunidades

Antes de adentrar no assunto do que são as Novas Comunidades, vale ressaltar que já no Concílio Vaticano II se discutia sobre a importância do protagonismo no leigo no seio da Igreja e que sim, ele era bem-vindo para assumir responsabilidades, lideranças e para, principalmente, ser um missionário, independentemente se ele tivesse de viver em lugares distantes para evangelizar ou na localidade onde se encontra, no seu bairro, trabalho, estudos, etc.

Dom Reginaldo Andrietta, Bispo de Jales (SP), em artigo escrito para o portal da CNBB (2016), refletiu sobre o papel dos leigos na Igreja e disse:

A Igreja Católica despertou-se para a superação dessa ideologia por um processo reivindicatório de seus organismos laicais, ao longo do século passado, o qual favoreceu o desenvolvimento de uma conceituação positiva do leigo e da leiga, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) a ponto de atribuir-lhes o caráter de “sujeitos”, como preconiza a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em seu documento “Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14).

Nas últimas décadas ocorreram mudanças significativas no entendimento sobre a identidade cristã dos leigos. Por inúmeros séculos a Igreja valorizou muito mais o clero em relação aos leigos e leigas, de uma forma geral.

Entendia-se que o clero estava acima das demais pessoas por ser formado por representantes de Deus. Com o Concílio Vaticano II, compreendeu-se que todos pertencem a uma mesma classe, a dos batizados, aqueles que são partícipes do sacerdócio comum dos fiéis, fundado no sacerdócio de Cristo. (ANDRIETTA, 2017).

Contudo, esse entendimento não se deu imediatamente, apesar de esse ter sido o Concílio onde houve a maior participação dos leigos. Houve obstáculos a serem vencidos para que se compreendesse a importante expressão dos leigos e, conseqüentemente, a citação de sua significativa contribuição nos documentos que viriam a surgir após o Concílio Vaticano II.

Rosemary Goldie, teóloga australiana e conhecida por ser a primeira mulher a ocupar cargos de influência na Cúria Romana, disse certa vez: “É muito difícil, e frequentemente impossível, marcar a fonte real das mudanças empregadas nos textos (...). Os leigos foram consultados oficialmente muito pouco e muito tarde”.

Ainda assim, vale lembrar que o surgimento dos primeiros cristãos se deu a partir de uma conexão comunitária. Eles não eram seres isolados que seguiam simplesmente uma divindade ou um fundador de uma religião. O sentido de pertença e de vivência em coletiva, bem como o compartilhamento de bens fazia parte da cultura que os constituía como identidade cristã.

Na narrativa do evangelho há indivíduos das mais diversas classes sociais, etnias e culturas, que abrem seus lares, compartilham seus bens e dividem suas riquezas como forma de experienciar o sentido da vida comunitária, ilustrada pela palavra:

Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum, vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um. Unidos de coração, frequentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo. E o Senhor cada dia lhes ajuntava outros, que estavam a caminho da salvação (ATOS 2, 44-47).

Mesmo em meio aos desafios do Concílio Vaticano II, a semente do protagonismo leigo havia sido plantada e um dessas sementes viria a ser as Novas Comunidades, muitas delas oriundas do Movimento da Renovação Carismática Católica.

Mais à frente, já com a Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Vita Consecrata*² do Santo Padre João Paulo II, percebe-se como a Igreja está aberta às mais diversas formas de vocações e carismas. Como não recordar, cheios de gratidão ao Espírito, a abundância das formas históricas de vida consagrada, por Ele suscitadas e continuamente mantidas no tecido eclesial? Assemelham-se a uma planta com muitos ramos que assenta as suas raízes no Evangelho e produz frutos abundantes em cada estação da Igreja. Que riqueza extraordinária! Eu mesmo, no final do Sínodo, senti a necessidade de sublinhar este elemento constante na história da Igreja: a multidão de fundadores e fundadoras, de santos e santas que escolheram seguir Cristo na radicalidade do Evangelho e no serviço fraterno, especialmente a favor dos pobres e dos abandonados. Precisamente esse serviço resulta, com particular evidência, como a vida consagrada manifesta o carácter unitário do mandamento do amor, na sua conexão indivisível entre o amor de Deus e o amor do próximo. (Cf. VC, 5).

Ainda na mesma exortação, deixa claro sobre as novas expressões da vida consagrada, dizendo: A perene juventude da Igreja continua a manifestar-se também hoje: nos últimos decênios, depois do

²Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata* Do Santo Padre João Paulo II, Ao Episcopado E Ao Clero, Às Ordens E Congregações Religiosas, Às Sociedades De Vida Apostólica, Aos Institutos Seculares E A Todos Os Fiéis Sobre A Vida Consagrada E A Sua Missão Na Igreja E No Mundo. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html#fn21. Acesso em: 31 de mar. 2019.

Concílio Ecumênico Vaticano II, apareceram formas novas ou renovadas de vida consagrada. Em muitos casos, trata-se de Institutos semelhantes aos que já existem, mas nascidos de novos estímulos espirituais e apostólicos. A sua vitalidade deve ser ponderada pela autoridade da Igreja, a quem compete proceder aos devidos exames, quer para comprovar a autenticidade da sua finalidade inspiradora, quer para evitar a excessiva multiplicação de instituições análogas, com o consequente risco de uma nociva fragmentação em grupos demasiadamente pequenos. Em outros casos, trata-se de experiências originais que estão à procura da sua própria identidade na Igreja e esperam ser reconhecidas oficialmente pela Sé Apostólica, a única a quem compete o juízo definitivo (Cf. VC, 12).

Desse modo, Gomes (2008) afirma que as Novas Comunidades católicas – as comunidades de vida e aliança – são um fenômeno novo no universo católico. Nascidas da Renovação Carismática Católica, as Novas Comunidades são a institucionalização do pentecostalismo católico. A Igreja Católica no Brasil nos últimos 50 anos se destacou por uma crescente participação na sociedade civil e na esfera pública em defesa da cidadania.

O autor ainda ressalta que:

A ascensão e disseminação da RCC por todo o país atingindo todos os espaços católicos, e mesmo os tradicionais redutos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), é inegável. Sua atuação vem alterando as configurações do catolicismo no Brasil. Particularmente, vem surgindo nos últimos 15 anos a partir da RCC as chamadas comunidades de vida e aliança, também conhecidas entre seus integrantes como Novas Comunidades. Essas comunidades representam uma grande novidade no interior do campo religioso católico. Elas são uma forma institucional nova no catolicismo ou, no dizer da sociologia da religião, são a institucionalização do carisma da RCC. (GOMES, 2008, p. 8).

Já para o Papa Bento XVI, as Comunidades Novas ou Novas Comunidades são uma novidade do Espírito na Igreja de Jesus Cristo e que por ela têm sido acolhidas, através de seu Magistério, como uma esperança para a Igreja³. Entre essas mensagens, o papa João Paulo II declara ao discursar para os participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais: “E eis, então, os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final de milênio. Vós sois esta resposta providencial” (27/mai./1998).

Bento XVI também se pronuncia uma década depois sobre esse mesmo tema, enfatizando que “os Movimentos eclesiais e as Novas Comunidades, que floresceram depois do Concílio Vaticano II, constituem um singular dom do Senhor e um recurso precioso para a vida da Igreja” (31/out./2008). Pede que sejam reconhecidos como instrumentos a serviço da mensagem cristã, pois “são como irrupções do Espírito Santo na Igreja e na sociedade contemporânea”.

Nesse mesmo discurso aos representantes do Movimento da Renovação Carismática Católica, Bento XVI destacou que como positivo “precisamente a importância que revestem nelas os carismas ou dons do Espírito Santo”, e reforça especialmente como “mérito [...] ter evocado na Igreja a atualidade” (31/out./2008).

³ Nas mensagens do Papa Bento XVI e nos pronunciamentos do Cardeal Stanislaw Rylko, Prefeito do Pontifício Conselho Para os Leigos, nos encontros da Catholic Fraternity, as Comunidades Novas têm sido chamadas de “Esperança da Igreja”.

Já o Cardeal Stanislaw Rylko, durante sua homilia no Congresso das Novas Comunidades, em 2010, pergunta “O que são mais precisamente os movimentos eclesiais?” Em seguida responde: “são lugares de encontro pessoal com Cristo, que muda a vida das pessoas.” Rylko vê os movimentos eclesiais e as novas comunidades como “verdadeiros laboratórios da fé; espaços onde as pessoas são preparadas para uma fé adulta, uma fé viva, uma fé plena de alegria” (CANÇÃO NOVA, 2010).

Igualmente, o Papa Francisco, no ano de 2014, no 3º Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, pede às comunidades que preservem o frescor do carisma, saibam respeitar a liberdade dos outros e procurem a comunhão, fazendo tudo isso com um coração missionário. Em uma de suas falas, declara: “[...] em uma autêntica conversão do coração e da mente não se anuncia o Evangelho, mas se não nos abrimos à missão não é possível a conversão, e a fé se torna estéril”.

Também no Documento de Aparecida⁴, se dedica um subcapítulo aos Movimentos Eclesiais e Comunidades Novas, que começa dizendo:

Os novos movimentos e comunidades são um dom do Espírito Santo para a Igreja. Neles, os fiéis encontram a possibilidade de se formar na fé cristã, crescer e se comprometer apostolicamente até ser verdadeiros discípulos missionários. (Documento de Aparecida, (2007, n. 3, p. 142).

Diante dessa recente realidade, entende-se, também, que da mesma forma que essas comunidades vieram trazer uma novidade para os espaços eclesiais e seculares, também trazem consigo a necessidade de um amadurecimento e aperfeiçoamento daquilo que consideram como inspiração para a construção formativa de seus membros.

Sendo assim, percebe-se que as Novas Comunidades vivenciam um processo próprio de formação e na experiência comunitária, atualizam carismas para os novos tempos, buscando não se distanciar do sentido central que é o Evangelho.

Segundo Alves (2009), elas são geralmente definidas como Associação Privada de Fiéis por serem dirigidas por leigos e a maioria é reconhecida pela Igreja Católica, por meio da aprovação do bispo local. Têm como objetivo uma atualização da experiência de vida comunitária dos primeiros cristãos, inclusive com o fim de evangelizar com novos métodos, respondendo aos anseios do homem contemporâneo. São estruturas com Conselhos, Departamentos, Secretarias, coordenadorias, de acordo com a realidade de cada Comunidade.

A formação cristã é um ponto de grande importância dentro dos Novos Movimentos Eclesiais. O objetivo principal da formação é constituir fiéis maduros e coerentes com a doutrina católica, que vivam a unidade entre fé e vida, capazes de enfrentar o relativismo e os questionamentos modernos (REINERT, 2009).

⁴ Documento proveniente da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007. O tema da Quinta Conferência foi: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, inspirado na passagem do Evangelho de João que narra “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). A Conferência foi convocada pelo Papa João Paulo II e confirmada pelo Papa Bento XVI. A conferência foi organizada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano, sob a orientação da Pontifícia Comissão para a América Latina. O regulamento da Quinta Conferência foi aprovado no dia 8 de abril de 2006.

Além disso, Padre Wagner Ferreira, no seu livro *A Formação da Consciência Moral das Nova Comunidades*, lembra que os Novos Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades são a resposta para uma urgente realidade: é preciso que haja uma forte e profunda formação cristã que objetive a comunicação da Boa Nova do Evangelho ao mundo contemporâneo. As novas agregações eclesiais, por meio de uma sólida formação, colaboram com o crescimento do homem virtuoso e, por meio de uma vida comunitária, contribuem para a formação da sua consciência moral à medida que se passa a considerar o outro como uma extensão do seu próprio ser e a viver à imagem e semelhança de Cristo. (Ferreira, 2016).

Muitos se perguntam se essa é uma forma de ser católico. Brenda Carranza, teóloga e professora da PUC de Campinas, em entrevista dada a Revista do Instituto Humanitas Unisinos, no ano de 2009, reflete que

É e não é. Enquanto grupos que se propõem a viver juntos sob o mesmo teto, as denominadas comunidades de vida, compartilhando as tarefas domésticas, as responsabilidades econômicas e uma espiritualidade de vida comunitária não diferem da proposta de congregações religiosas tradicionais (salesianos, jesuítas, irmãs paulinas etc.). Porém, por serem grupos de leigos que se propõem a viver esses ideais de castidade, obediência e pobreza em comunidades mistas, isto é, grupos nos quais solteiros e casados submetem-se às mesmas exigências, num mesmo espaço, podemos dizer que é um novo jeito. Até canonicamente vêm representando um impasse que deve ser acomodado na legislação eclesial. (2009, p. 9-10).

Outro questionamento feito à professora é: por que as novas comunidades católicas crescem tanto? Ela responde que:

Diríamos que crescem dentro da Igreja Católica à sombra da RCC, pois são um desdobramento da mesma. O seu desenvolvimento se deve à proposta de vida comunitária que propõem, pois o fiel que deseja um compromisso religioso encontra nessa maneira de agrupamento duas modalidades de inserção: na primeira, na comunidade de vida, como já disse, na qual pode participar de uma experiência comunitária, sem renunciar à sua profissão ou acomodando-a aos interesses do grupo. Na segunda, na comunidade de aliança, o fiel participa do mesmo estilo e proposta espiritual da comunidade de vida, mas não compartilha a experiência comunitária de viver sob o mesmo teto, além de ficar menos disponível para os deslocamentos geográficos que, porventura, a comunidade nova venha exigir. Por exemplo, fundar um grupo numa determinada área que interesse ter a presença da nova comunidade. (2009, p.10).

É favorável lembrar que, para essas comunidades, Cristo é o centro, ou seja, sua formação doutrinária e espiritual é cristocêntrica, baseada na vocação batismal de todo cristão. Dentro dessa formação, existe também o estudo contínuo dos Evangelhos e dos demais livros das Sagradas Escrituras, documentos expedidos pela Igreja Católica e seu magistério. Nota-se, cada vez mais, uma nova expressão de vida cristã e, por assim dizer, uma nova relação com o Espírito Santo e com novos métodos de evangelização, sobretudo pelos meios de comunicação.

Vale ressaltar que tradições e devocionais que são praticadas na Igreja Católica, em vez de serem esquecidas por esses novos movimentos, são enriquecidas e valorizadas como expressão de fé dos fiéis. Aqui se poderiam citar as devoções à Virgem Maria, Cerco de Jericó, Ofício da Imaculada Conceição,

Terço Mariano, Ladainha Lauretana e prática de peregrinações a santuários nacionais e internacionais. Todas essas ações são a expressão de pessoas que desejam vivenciar uma nova experiência de missionariedade e vida em comunhão.

Essa experiência de missionariedade e vida em comunhão tem atraído cada vez mais jovens, famílias e leigos para participarem como simpatizantes ou membros efetivos dessas Novas Comunidades que se apresentam contemporaneamente na Igreja Católica. Entretanto, a presença de jovens é bem mais expressiva que os demais grupos acima citados, o que surpreende e faz com que as congregações, movimentos e associações religiosas mais antigas reflitam sobre esse fenômeno, visto que essas organizações têm sofrido com a escassez de vocações e, conseqüentemente, com a falta de presença de jovens.

Outro ponto interessante a ser relatado é o interesse dessa juventude em viver princípios evangélicos e bioéticos que têm se perdido cada vez mais na sociedade de uma forma geral.

Logo, a proposta e o desejo desses jovens, por vivenciarem princípios alternativos dos atuais, é como remar contra a maré e trazer um novo vigor e frescor para a vocação e o protagonismo dos leigos na Igreja Católica. Eles se interessam e debatem em grupos de oração, grupos de partilha e células sobre os mais diversos temas, como: a importância da vida, o sentido da vida, a justiça social, o valor à vida além das questões éticas e sociais, sempre à luz do Evangelho e do Magistério da Igreja. Como esses temas também são tópicos de discussões na Bioética, percebe-se uma proximidade com os fundamentos do Evangelho, logo um caminho de atração vocacional para a juventude.

Fundamentos da Bioética

A bioética é um caminho para o diálogo, propiciando um espaço de encontro e reflexão e não se restringi apenas ao âmbito científico e acadêmico, Visto que assuntos relacionados a bioética, como: a relação entre pobreza e fragilidade do planeta, a cultura do descarte, aborto, inseminação artificial, eutanásia, sexualidade, dentre outros, são também discutidos no ambiente das novas comunidades.

Pode-se dizer que a bioética é uma resposta da ética às novas situações oriundas da ciência e da sociedade. Por neologismo, significa ética da vida, pois se trata de uma nova reflexão, unindo o estudo da medicina com a moral e a ética no comportamento dos seres humanos (DALVI, 2008, p.15).

O termo bioética foi publicado pela primeira vez em 1927 por Fritz Jahr em um artigo publicado na revista Kosmos (JUNGES, 2011, p.172). E Van Rensselaer Potter, doutor em bioquímica e precursor da bioética, publicou em 1971 nos Estados Unidos, a obra intitulada *Bioética: Ponte para o Futuro* (*Bioethics: Bridge to the Future*).

Potter (2016) teve a intenção de desenvolver uma nova ética das relações entre os seres humanos e dos seres humanos com o ecossistema, buscando o compromisso com a preservação da vida, tendo como característica principal o diálogo da ciência com a área de humanas.

A obra de Potter difundiu-se rapidamente e, em 1979, Tom L. Beuchamp e James F. Childress publicaram a obra *Princípios da Ética Biomédica* (*Principles of Bio-medical Ethics*), dando, assim, um novo rumo para a área. Desse modo, nasceu a bioética principialista, que introduziu quatro princípios

básicos, categorizados em duas ordens: 1) “autonomia” e “beneficência” de ordem teleológica⁵; 2) “não-maleficência” e “justiça” de ordem deontológica⁶ (SOARES, 2006, p.32).

O princípio da autonomia refere-se à capacidade do homem de se autogovernar. Isto é, de tomar suas próprias decisões, de saber avaliar e decidir, associando-se à liberdade individual, embasada na vontade. Dessa maneira, indica para a liberdade do indivíduo, em que se priorizam suas decisões quando elas não colocam em risco a vida de outros e não impedem outros de decidirem de uma forma autônoma (DINIZ, 2008, p.14).

O princípio da beneficência requer fazer o bem ao próximo e promover seu bem-estar, em que se estabelece uma obrigação moral de agir em benefício dos outros (BRAUNER, 2008, p.43).

O princípio da não-maleficência, está relacionado ao princípio da beneficência, pois, contém a obrigação de não acarretar dano intencional, primando pela ética (SOARES, 2006, p.32).

O princípio da justiça diz respeito à coletividade dos indivíduos. Segundo esse princípio, todos devem ter garantidos os mesmos direitos, sobretudo respeitando a autonomia do ser humano, garantindo os direitos sociais (BRAUNER, 2008, p.47).

O enfoque dado por Beauchamp e Childress procurou restringir a bioética para a área médica, limitando a intenção original de Potter, que dava a bioética um caráter mais amplo. A bioética potteriana possui uma perspectiva mais inclusiva e abrangente, combinando a ética profissional tradicional com preocupações ecológicas e outros problemas de grandezas sociais e culturais (POTTER, 2018).

Diante de um cenário terrível que previa para nosso planeta, Potter propôs que a bioética funcionasse como uma ponte, com o intuito de ligar dois lados separados. De um lado as ciências biológicas e as tecnociências e do outro as ciências humanas, que refletiam se as decisões tomadas por uns seriam boas para todos. Desde então, diversos problemas começaram a ser pensados, buscando soluções usando a bioética (FISCHER e MARTINS, 2017, p. 12).

Para usarmos a bioética na solução de problemas, consideramos três elementos: 1) Agente Moral, que são todos que tomam decisões; 2) Pacientes Morais, aqueles que não podem tomar decisões; 3) Natureza em geral. Quando agentes morais tomam decisões pensando somente em seus interesses, nos seus valores e bem-estar, os pacientes morais podem ficar vulneráveis. À vista disso, a bioética surgiu para identificar os agentes morais, os pacientes morais e os vulneráveis (FISCHER E MARTINS, 2017, p. 12).

A vulnerabilidade é um dos temas mais abordados pela bioética quando decisões são tomadas pensando somente em si mesmos, de forma egoísta, fazendo com que o outro não tenha como se defender, tornando-se vulnerável (FISCHER E MARTINS, 2017, p. 27).

Para buscar uma solução ideal e que seja boa para todas as partes envolvidas, se faz necessário saber primeiramente o que é bom para o outro. É na escuta que se entende a necessidade do outro. Conhecendo sua realidade, seu pensamento, os motivos que levam a pessoa a tomar determinada decisão. A partir da ação de falar e escutar, expondo os argumentos, as crenças e valores, pode-se dialogar e refletir, buscando uma solução mais adequada para todos.

⁵ *Teleos* significa fim, sendo o estudo filosófico da finalidade de uma ação. Ou seja, em uma ação concreta o mais importante não é saber se a intenção é boa, mas sim se tiveram boas consequências.

⁶ *Déontos* significa dever, obrigação, sendo a teoria do dever ou estudo do que convém em termos de ação. Ou seja, valoriza a intenção da ação de acordo com o dever.

Relação da Bioética, juventude e vocação

A bioética possui características como a interdisciplinaridade, o pluralismo, a responsabilidade e o senso de humanidade, o que faz dessa área uma ponte ampla para a discussão, podendo trazer relações com a espiritualidade, já que a bioética possibilita uma abordagem contemporânea necessária para uma reflexão adequada.

As crenças, incluindo as religiosas, afetam a percepção e leitura do mundo, pois o conjunto das alternativas disponíveis e a busca do homem por uma resposta para a vida torna o ser humano um ser religioso (GOLDIM, 2007, p.11).

As pessoas herdaram do passado costumes, preceitos religiosos, códigos de ética e de moral. Por consequência, a cultura vai sendo enriquecida com as novas descobertas científicas, tecnológicas, ideológicas e filosóficas. Também se percebe a influência da religiosidade e espiritualidade na maior parte das culturas. No ocidente, por exemplo, a maioria dos códigos e ordenamentos jurídicos, no prisma ético, jurídico e científico, foram influenciados pela religiosidade do ser humano, principalmente pelo cristianismo (BARBOZA, 2003, p. 143).

Frente aos problemas contemporâneos existentes em nossa sociedade, tem despertado na juventude o interesse por alternativas que possam auxiliá-la a encontrar soluções ou respostas para as problemáticas de cunho pessoal e global. Em vista disso, os princípios do Evangelho, unidos aos fundamentos da bioética, podem ser fontes de respostas para vida humana e para o ecossistema.

O Papa Francisco, na Assembleia da Pontifícia Academia para a Vida, realizada em junho de 2018, diz que, a “Bioética global será uma modalidade específica para desenvolver a perspectiva da ecologia integral, no âmbito da Encíclica *Laudato si’*”. Em sua explanação, ele acrescenta:

Qual reconhecimento recebe hoje a sabedoria humana da vida das ciências da natureza? E qual cultura política inspira a promoção e a proteção da vida humana real? O trabalho “bonito” da vida é a geração de uma pessoa nova, a educação das suas qualidades espirituais e criativas, a iniciação ao amor da família e da comunidade, o cuidado das suas vulnerabilidades e feridas; assim como a iniciação à vida de filhos de Deus, em Jesus Cristo (2018).

Em face aos apelos da Igreja e da sociedade, o jovem que busca alternativas contra o egocentrismo, individualismo, falta de sentido de vida, desigualdade social, dentre outras mazelas sociais contemporâneas, pode vir a encontrar respostas nas Novas Comunidades, em razão de serem ambientes que fomentem o diálogo, as ações sociais, a formação humana e espiritual do indivíduo.

Temas da bioética, como pobreza e fragilidade do planeta, podem ser atraentes para os jovens que buscam nas Novas Comunidades uma ação frente a esses problemas podendo ser uma opção a vida missionária e trabalhos sociais.

Outros temas bioéticos que também são trabalhados nas Novas Comunidades são os da cultura do descartê, aborto, inseminação artificial e eutanásia. Assuntos que podem ser tratados com as formações humanas e espirituais que os ambientes comunitários proporcionam.

Diante desse contexto, Papa Francisco ainda nos diz que:

A sabedoria que deve inspirar o nosso comportamento em relação à “ecologia humana” é chamada a considerar a qualidade ética e espiritual da vida em todas as suas fases. Existe uma vida humana concebida, uma vida em gestação, uma vida vinda à luz, uma vida menina, uma vida adolescente, uma vida adulta, uma vida envelhecida e consumada — e existe a vida eterna. Existe uma vida que é família e comunidade, uma vida que é invocação e esperança. Assim como existe também a vida humana frágil e doente, a vida ferida, ofendida, aviltada, marginalizada, descartada. É sempre vida humana. É a vida das pessoas humanas, que habitam a terra criada por Deus e partilham a casa comum a todas as criaturas vivas (2018).

O desejo do jovem em vivenciar os fundamentos bioéticos, que também estão presentes na fé católica, o levam a encontrar sua vocação nas comunidades novas, seja como comunidade de vida ou de aliança, tornando-se protagonistas perante a Igreja, levando este diálogo para as diversas áreas da sociedade.

Nesse sentido o Papa Francisco, na carta encíclica *Laudato Si'* (LS), aponta a necessidade do diálogo das religiões com as ciências:

A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isso deveria levar as religiões a estabelecer diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma trama de respeito e fraternidade. De igual modo é indispensável um diálogo entre as próprias ciências, porque cada uma costuma fechar-se nos limites da sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento e absolutização do próprio saber. Isso impede de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente. (LS, 2015, p.117).

Por fim, entende-se que o diálogo inter-religioso, o respeito mútuo e a tolerância entre as pessoas são concepções congruentes, seja nos aspectos das concepções bioéticas, seja nos ensinamentos sugeridos pelo Evangelho.

Considerações finais

O artigo em questão nos apresentou que as Novas Comunidades são frutos posteriores ao Concílio Vaticano II e que são oriundas ou receberam influência do Movimento da Renovação Carismática Católica (RCC). Como relatado anteriormente, essas comunidades podem possuir membros que vivam em casas comunitárias (Comunidade de Vida) ou que sejam filiados à elas, com compromissos semelhantes aos membros residentes, aí chamados Comunidade de Aliança. Normalmente, as comunidades são formadas por essas duas formas de vida.

Além disso, entende-se que as Novas Comunidades vêm contribuir para uma reaproximação dos jovens em relação ao desejo e a coragem de assumir a consagração de vida, como leigos consagrados. Vale ressaltar que inúmeros jovens, aproximando-se das comunidades, muitas vezes, não se identificam com os seus carismas e se encontram em outras vocações como a vida religiosa ou sacerdotal. Entretanto, o impulso foi dado a partir da proximidade com essas comunidades, para que pudessem assumir com *parresia* aquilo que acreditam ser seu papel na sociedade e no espaço eclesial.

Também, compreende-se que, além das experiências comunitárias e religiosas, os princípios da bioética que se encontram no interior desses grupos religiosos são fundamentais para formar jovens mais lúcidos, justos e corresponsáveis por uma sociedade melhor e mais equânime.

Por fim, encerramos o artigo com uma frase dita do Papa Francisco em uma vigília na Basílica de São João de Latrão, no Vaticano, em preparação à Jornada Mundial da Juventude que ocorreu no ano de 2019, no Panamá, onde ele motivava os jovens a serem corajosos e ousados em suas respostas como indivíduos comprometidos com a sociedade em que se encontram: "O mundo de hoje precisa de jovens que partam 'à pressa', que não se cansem de mover-se à pressa; de jovens que tenham a vocação de sentir que a vida lhes oferece uma missão". (Papa Francisco).

Referências

ALVES, K. *Comunidades Novas de Vida e Aliança No Nordeste Brasileiro: Processo Comunitário e Práticas Religiosas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=152421. Acesso em: 31 de mar. 2019.

ANDRIETA, R. *Protagonismo dos cristãos leigos e leigas*. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/protagonismo-dos-cristaos-leigos-e-leigas/>. Acesso em: 31 de mar. 2019.

BARBOZA, H. H.; MEIRELLES, J. M. L. de; BARRETO, V. de P. (orgs). *Novos Temas de Biodireito e Bioética*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BRAUNER, M. C. C. (org.). *Ensaio de Biodireito*. Pelotas: Delfos, 2008.

CANÇÃO NOVA NOTÍCIAS. *As novas comunidades são verdadeiros laboratórios da fé*. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/as-novas-comunidades-sao-verdadeiros-laboratorios-da-fe/>. Acesso em: 28. jul. 2018.

CONSELHO Episcopal Latino-Americano. CELAM. *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe Aparecida, 13-31 de maio de 2007 – Documento Final, Aparecida, 2007*. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf. Acesso em: jul. 2018.

DALVI, L. *Curso avançado de Biodireito*. Florianópolis: Conceito Editorial, 2008.

DINIZ, M. H. *O estado atual do Biodireito*. São Paulo: Saraiva, 2008.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL VITA CONSECRATA Do Santo Padre João Paulo II, Ao Episcopado E Ao Clero, Às Ordens E Congregações Religiosas, Às Sociedades De Vida Apostólica, Aos Institutos Seculares E A Todos Os Fiéis Sobre A Vida Consagrada E A Sua Missão Na Igreja E No Mundo.

Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html#fn21. Acesso em: 31 de mar. 2019.

FERREIRA, W. *A Formação da Consciência Moral nas Novas Comunidades*. Ed. Canção Nova. Cachoeira Paulista. 2016.

FISCHER, M. L.; MARTINS, G. Z. (Org.). *O Caminho do Diálogo: Proporcionando a Vivência da Bioética no Ensino Fundamental*. Conselho Federal de Medicina / Sociedade Brasileira de Bioética, 2017.

GOLDIE, R. *La participacion des laics aux travaux du Concile Vatican II*. In: *Revue des Csienes Religieuses de Strasbourg*, [s.n], nº 1, p. 62, 1988.

GOLDIM, J. R., et. al. *Bioética e Espiritualidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GOMES, S. *As novas comunidades católicas: ruma a uma cidadania “renovada”?* Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

IGREJA CATÓLICA. *Papa (1978-2005: João Paulo II)*. Carta encíclica *Evangelium Vitae: aos bispos, aos presbíteros e diáconos, aos religiosos e religiosas, aos fiéis leigos e a todas as pessoas de boa vontade sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html. Acesso em: 19 jul. 2018.

IGREJA CATÓLICA. *Papa Francisco*. Carta encíclica *Laudato Si’ Louvado Sejas sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus e Edições Loyola, 2015.

IHU Online. *Novas comunidades católicas: à busca de um espaço*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2009.

JOÃO PAULO II. *Christifidelis laici*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal: sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Petrópolis: Vozes, 1989.

JUNGES, J. R. *O nascimento da bioética e a constituição do biopoder*. *Acta Bioethica*, n.17, v. 2, p. 171-178, 2011.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na assembleia da pontifícia academia para a vida*. Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180625_accademia-provita.html. Acesso em: 30 mar. 2019.

POTTER, V. R. *Bioética global*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2018.

POTTER, V. R. *Bioética: ponte para o futuro*. Tradução de Diego Carlos Zanella. São Paulo: Loyola, 2016.

REINERT, J. *Pode Hoje a Paróquia Ser uma Comunidade Eclesial? Renovação da instituição paroquial no contexto urbano*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

SOARES, A. M. M.; WALTER, E. P. *Bioética e Biodireito uma introdução*. Rio de Janeiro: São Camilo e Loyola, 2006.

Recebido em 26/10/2018

Aceito em 04/10/2019

Received 10/26/2018

Approved 10/04/2019